



# Projeto Mulheres em Rede

Tecendo Teias de Solidariedade e Conhecimento





# Projeto Mulheres em Rede

## Tecendo Teias de Solidariedade e Conhecimento

Realização



ASPLANDE

Parceiros



corte & arte



arteiras



Fundação  
São Joaquim



CRJ  
CANTAGALO



FGV DIREITO RIO



METRÔ RIO

Apoio

Patrocínio



PETROBRAS



GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
PÁTRIA EDUCADORA

Copyright © ASPLANDE, Assessoria & Planejamento Para o Desenvolvimento  
Rio de Janeiro, Outubro 2015.

### **Coordenadora Geral da Asplande**

Mara Ferreira

### **Secretária Executiva**

Dayse Maria Valença Ferreira

### **Equipe do Projeto**

#### **Coordenação**

Dayse Maria Valença Ferreira

#### **Assistente de Projeto**

Elizabeth Nemer Moysés

#### **Administrativo Financeiro**

Elizabeth Lima de Almeida

#### **Design e Monitoramento**

Henrique Fornazin

#### **Apoio**

Carla Andrade da Penha

#### **Supervisão**

Paulo Sérgio Borges de Almeida

#### **Assessoria e Mobilização**

Aline da Cunha Valentim  
Ediane da Silva Napoleão  
Mônica Santos Francisco  
Rosana da Silva Queiroz Pereira  
Rosangela Souza Rangel Grainger

#### **Estagiária**

Camila Rosmarino

#### **Colaboração**

Adriana Mota  
Elisete Napoleão  
Isabel Capaverde  
Pedro Ferko

#### **Contadores**

Jarbas Luiz de Carvalho  
Severino Antonio da Silva Filho

#### **Auditoria**

Anend Auditores Independentes

### **Realização**

ASPLANDE, Assessoria & Planejamento Para o Desenvolvimento  
Av. General Justo 275, sala 304 - Castelo/RJ - Brasil - Cep: 20021-130  
[www.asplande.org.br](http://www.asplande.org.br) | [facebook.com/asplande](https://facebook.com/asplande)  
(21) 2210-1922 | [asplande@asplande.org.br](mailto:asplande@asplande.org.br)

# Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>p.5</b>
<b>Introdução</b>	<b>p.7</b>
ASPLANDE	p.17
A Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras	p.18
Corte & Arte	p.19
Arteiras da Tijuca	p.19
<b>O Projeto</b>	<b>p.21</b>
Organização e Atuação	p.22
Perfil das Protagonistas	p.24
Atividades Desenvolvidas e Resultados	p.28
<b>Mulheres em rede soltando a voz, avaliação de um projeto de economia popular e solidária para mulheres</b> <i>por Adriana Mota</i>	<b>p.31</b>
<b>Depoimentos</b>	<b>p.43</b>

FAVELA

MORRO

GHETTO

PALAFITA

PERIFERIA

MUSSEQUE

# Apresentação

É com muito prazer que os convidamos a leitura de mais esta publicação. São vários os motivos do convite:

- Este material marca mais uma etapa do Projeto e é resultado de muitas mãos que juntas teceram no seu cotidiano o produto que apresentamos.
- Fala de como nos conhecemos e nos reconhecemos como mulheres que decidiram acreditar que somos capazes de produzir sonhos e realizar conquistas no campo pessoal e profissional.
- Fala de quem somos, como vivemos, de onde viemos, como nos organizamos e como produzimos de forma solidária e sustentável ao mesmo tempo que fortalecemos nossa Rede.

Nas páginas a seguir vocês poderão viajar conosco pelos caminhos percorridos até aqui!

Iremos te levar pelas estradas em que caminhamos ao longo dos últimos anos. Foram ladeiras, escadarias, vielas, becos e planícies onde desenhamos nossos sonhos e colorimos nossa vida de mulheres, meninas, mães, profissionais, estudantes.

Durante nossa caminhada relataremos como se deu nossa organização e atuação; revisitaremos as atividades desenvolvidas; te apresentaremos o perfil das protagonistas.

O resultado da viagem deixaremos para você descrever!!

Até lá

Maria da Conceição Luz Ferreira  
ASPLANDE



Benjamin Chaves, posteriormente conhecido como Benjamin de Oliveira, nasceu em Pará de Minas Gerais, no dia 11 de junho de 1870. Foi o quarto filho de Malaquias e da escrava Leandra.

Aos 12 anos, fugiu de casa com o Circo Sotero, onde começou a trabalhar como trapalhão e com o artista Severino de Oliveira, seu orientador no circo, adotou seu novo sobrenome. Depois, Benjamin passou por vários lugares ainda como acrobata até estrear em São Paulo, ao substituir o artista que estava doente.

Benjamin de Oliveira foi uma das mais importantes figuras do mundo do teatro de variedades e do primeiro palhaço negro do Brasil.

Em 1892, ingressou no circo de João Peixoto, conhecido como o Circo de João Peixoto. Esse admirador de Benjamin de Oliveira foi o primeiro palhaço negro do Brasil.

Em maio de 1896, chegou ao Rio de Janeiro e se tornou conhecido por suas canções, lances e o companheirismo de um palhaço.

Até 1938 foi o principal palhaço de peças promovidas pelo Circo de João Peixoto.



# Introdução

*“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”. Rosa Luxemburgo*

A atual reinvenção dos espaços conhecidos como “favela” na cidade do Rio de Janeiro, com a ocupação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP’S), associado aos megaeventos, Copa do Mundo (2014) e Olimpíadas (2016), tem confirmado o papel das mulheres como protagonistas na construção de novos significados para o mercado de trabalho e para a vida cotidiana nesse território periférico da cidade, que agora ganha centralidade ao despertar o interesse do empreendedorismo “de fora”.

Há cerca de sete anos, o Rio de Janeiro teve sua primeira favela ocupada permanentemente por uma UPP, Morro Santa Marta, zona sul carioca. Um fato interessante, é que prioritariamente essas Unidades são implantadas em territórios situados no que convencionou-se chamar de “Cinturão dos Megaeventos”, por estarem em locais das atividades esportivas ligadas aos Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo. Esse modelo atual de projeto de segurança pública, para recuperar territórios anteriormente ocupados pelo tráfico e por milícias, tem aberto o caminho para a entrada de empresas interessadas em explorar o mercado consumidor dessas áreas.

Se por um lado, essas comunidades começam a despertar o interesse de “empreendedores de fora”, por outro, as mesmas são marcadas por um grande contingente de empreendedores locais. Dessa forma é de extrema importância realizar ações que promovam a capacitação,



o apoio e a articulação entre os empreendedores locais para que não sejam “engolidos” por empresários de fora. Esse movimento externo pode romper com a lógica do desenvolvimento local, com o respeito à identidade e tradição destes territórios, sem contar o rompimento dos laços de pertencimento e identidade pessoal.

As mulheres são peças-chave nesse processo e as que mais contribuem para o desenvolvimento local são lideranças, chefes de famílias, mães e empreendedoras. Conforme pesquisa inédita do Instituto Data favela, que revelou que no Rio de Janeiro cerca de 2 milhões de pessoas residem em comunidades, e movimentam R\$ 12,3 bilhões por ano – das quais mais da metade por meio de iniciativas formadas por mulheres<sup>1</sup>.

Atualmente, não há como falar em mercado de trabalho sem falar em empreendedorismo e nesta área as mulheres também tem se destacado. Segundo dados do Sebrae (2013) sobre o perfil do empreendedorismo no Brasil, fica evidente o forte crescimento da presença feminina entre os empreendedores. As mulheres, inclusive, abriram mais empresas do que os homens nos últimos dez anos, e hoje já são responsáveis por 1/3 das empresas no nosso país. Elas estão buscando mais qualificação na área de negócios, e iniciando empresas mais preparadas do que os homens.

No entanto, mesmo com o avanço do perfil feminino no empreendedorismo, de acordo com o **The Global Gender Gap Report 2014**, elaborado pelo World Economic Forum, de 2013 a 2014 o Brasil caiu nove posições no ranking internacional de igualdade de gênero, ficando em 71º lugar entre os 142 países avaliados. Este estudo, realizado anualmente há quase uma década, avalia a participação das mulheres na sociedade, acompanhando a sua trajetória ao longo do tempo. Apesar de apresentar melhoras significativas no que se refere ao nível educacional e de saúde das mulheres, esta queda reflete, em grande parte, a ainda precária qualidade da participação das mulheres brasileiras na sociedade e no mercado de trabalho.

---

1 Athayde, Celso e Meirelles, Renato. Um País chamado Favela, 2014.

Nesse sentido, o Projeto **Mulheres em Rede - Tecendo Teias de Solidariedade e Conhecimento**, vem empoderando e contribuindo com a luta das mulheres, para além da luta pela igualdade de acesso ao trabalho e renda, principalmente na sua luta cotidiana para fortalecer suas famílias, resistir à opressão do patriarcado, combater os vários tipos de machismo, discriminação e violências sofridas pelas mulheres.

A ASPLANDE tem como proposta central a inserção de mulheres chefes de família no contexto do trabalho, assessorando a criação de seus próprios empreendimentos, estimulando a organização em Redes Sociais como espaços democráticos em que pessoas ou entidades se entrelaçam em torno dos mesmos valores e objetivos, onde informação e conhecimento circulem de forma dinâmica e são emitidos de vários pontos. Uma estratégia capaz de induzir um desenvolvimento local com empoderamento para a cidadania e para a equidade nas questões de gênero. Os conteúdos das capacitações organizadas pela instituição não se limitam apenas ao aspecto teórico, são vivenciados e assessorados para facilitar a mudança de comportamento e as práticas solidárias de comércio justo e cooperativo.

É nesse sentido que Dayse Valença, coordenadora da ASPLANDE afirma: *“A importância das mulheres como protagonistas influencia diretamente o desenvolvimento local. Conscientizar estas mulheres no que se refere ao seu potencial econômico deve ser acompanhado fundamentalmente por um empoderamento em relação a cidadania e as questões de gênero. Este é o papel da ASPLANDE: trabalhar a mulher na sua completude como ser humano, investindo na geração de renda como porta de entrada para a cidadania.”*

Dessa forma, a atuação da ASPLANDE na formação de uma REDE de desenvolvimento e apoio mútuo tem se mostrado fundamental na construção de aprendizado e saberes coletivos geradores de proposição e soluções comuns. A formação de cooperativas e de empreendimentos que trabalham com o diferencial da economia solidária e o fortalecimento destas por meio de discussões, rodas de conversas e apoio *in loco*





tem mostrado resultados concretos tanto no retorno financeiro das participantes quanto na captação e otimização de recursos.

E é a partir do relato das experiências de quem participa da REDE que podemos fazer uma analogia com a lenda do espelho da verdade de Júpiter: o espelho de Júpiter caiu na terra e se quebrou em infinitos pedaços – cada ser humano pegou um pedacinho e, se olhando nele, viu sua própria imagem refletida e pensou que visse o todo, que possuísse a verdade. O trabalho da REDE é tentar juntar os pedaços e aproveitar ao máximo as imagens individuais, chegando a um resultado coletivo de boa qualidade e mais amplo do que se cada um construísse sozinho suas próprias verdades. E refletindo esta imagem, segue abaixo a fala das mulheres participantes do Projeto:

*“Um outro aspecto da metodologia que se tem aqui na ASPLANDE é que 10% é **eu** e 90% é **nós**. Quando o problema é pessoal, é claro, deve ser ouvido. Mas na metodologia da ASPLANDE, 90% do trabalho é **nós**. E com certeza é por isso que a gente se entende. Porque trabalhamos o coletivo, não o trabalho individual. Individual é só quando se faz realmente necessário. Não é descartar, mas se você trabalha sempre no coletivo, aprende a falar mais “nós” do que “eu””.*

*“Muito importante é o crescimento e o amadurecimento que você tem aqui e que às vezes você vai usar no dia a dia da sua vida. Eu hoje chego aqui alegre, contente, brincando, porque me dá prazer ser participativa. E peço a Deus que não me tire o espírito de alegria. A coisa mais gostosa é você chegar e trazer a luz, passar a luz para as pessoas. É as pessoas dizerem: ‘Gente, que lugar diferente!’. Não é que você seja melhor do que ninguém, mas você quer a luz. Todos temos os nossos machucados, e se você quer a paz para você, tem que desejar a paz para todos. Porque como é que você vai receber a paz se eu desejo só coisas negativas? Então se eu peço a luz, eu quero que a luz seja para mim e para todos”.*

A importância da REDE para motivar o desenvolvimento dos empreendimentos e a vida cotidiana dessas mulheres, foi retratada e reforçada pela avaliação externa, na dinâmica - Grupo Focal - realizada com as participantes do Projeto. Segue abaixo parte da transcrição da avaliação externa, coordenada pela Superintendente de Enfrentamento à Violência contra a Mulher, Adriana Mota, da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH):

Para conhecer melhor os impactos e processos que o Projeto potencializa junto às mulheres participantes, optou-se por utilizar uma metodologia mista, com predominância da qualitativa, lançando mão de Grupos Focais e aplicação de questionário de perfil com o objetivo de qualificar o público que estava emitindo suas opiniões e percepções.

A seleção das participantes dos Grupos Focais foi feita de forma a garantir o máximo de heterogeneidade na sua composição, respeitando uma característica que deveria ser comum à todas: estar inserida no Projeto nas comunidades Cantagalo, Pavão Pavãozinho e Borel. A intenção foi “dar voz” à diversidade presente no universo a pesquisar. Ao todo participaram 24 mulheres, sendo 70% delas na faixa etária de 31 a 50 anos, 60% negras, 58% casadas ou vivendo em união estável e 90% com filhos, quase sempre em idade inferior a 18 anos.

As participantes do Grupo Focal reconhecem que estão atuando em rede, mas entendem também que há diferentes graus de participação nessa rede. Há empreendimentos mais consolidados e que acabam exercendo um papel central na rede. Esta centralidade porém não é identificada como um papel hierárquico, com vínculos de subordinação, mas como um elo comum a todos os empreendimentos, um ponto forte dessa rede, ao qual vários empreendimentos se unem de alguma forma, assim como as próprias mulheres, potencializando a atuação.

As participantes percebem que a rede é importante para o fortalecimento dos empreendimentos e da comunidade onde vivem e percebem também que a rede funciona na vida pessoal e profissional delas, em menor ou maior grau.





*“A rede é união, é entrelaçamento, é troca, principalmente para fortalecer a comunidade. Se você não fortalecer o que você tem na sua comunidade, a rede não acontece.”*

*“Eu vejo que na minha vida pessoal eu consigo me utilizar da rede. Eu uso até para fortalecer as minhas amigas e o trabalho delas.”*

A atuação em rede fortalece os empreendimentos, mas também otimiza o tempo de cada uma. Conhecendo e usufruindo da rede não é preciso se deslocar para fora da comunidade para ter acesso a serviços e produtos. Organizando melhor o tempo dedicado ao empreendimento, as mulheres conseguem organizar melhor o tempo da vida doméstica e familiar, que se torna um tempo com mais qualidade.

*“Eu compro o pastel com a tia Lu, compro verdura na Gisela, faço a unha no salão da Mirinha, às vezes pego um doce com a Jéssica... É tudo próximo. Eu não preciso ficar gastando tempo e nem dinheiro de passagem.”*

*“A comodidade e o entrosamento que ficam, isso é muito bom.”*

### **Mudando para empreender, empreendendo para mudar**

Muitas mudanças foram percebidas e implementadas pelas mulheres em seus empreendimentos. Essas mudanças têm impacto direto em seus negócios, mas também em sua vida pessoal. As mulheres sentem que os empreendimentos estão mais sólidos, melhor organizados, conseguem planejar sua atividade profissional e percebem que podem alcançar novos objetivos concretos a partir dessa outra forma de organização. A mudança decorre da participação no Projeto, do contato com outras mulheres e empreendimentos, da assessoria prestada pela ASPLANDE e, sobretudo, do esforço de cada uma em fazer mais e melhor.

*“Na minha empresa mudou tudo. Primeiro, eu não levava a sério o que eu fazia. Eu não me via como uma empresa. Eu ganhava bastante dinheiro, mas eu não tinha organização. Eu gastava e não estava nem aí. Eu só anotava a entrada, não anotava as saídas. Então, eu estava me assaltando e não estava nem aí. Quando eu vim para cá eu comecei a raciocinar que eu não sabia o quanto eu ganhava ou o quanto eu tinha de recurso que era meu ou que era do empreendimento. Agora eu mudei e tenho tudo anotadinho. Tudo que entra e que sai. Agora quando eu pego um dinheiro, eu tenho tudo anotado e organizado. Agora eu sei onde eu quero chegar.”*

*“Outra coisa que eu aprendi é que eu tenho que estipular uma meta. Eu planejo uma meta e corro atrás para que isso aconteça. Não adianta ter um negócio e não ter uma meta que você quer alcançar. Eu aprendi muita coisa aqui também.”*

A principal mudança mencionada foi ainda na interação entre as participantes, na melhor sinergia entre os empreendimentos, na possibilidade de ampliar a divulgação das atividades e na parceria. O sentimento de pertencer a um grupo, uma rede, com objetivos comuns, com uma identidade positiva, que empodera as mulheres e as torna mais confiantes, também foi lembrado.

*“Depois do Mulheres em Rede a gente passou a divulgar mais os trabalhos umas das outras. A gente já se conhecia, somos todas da mesma comunidade, nos vemos por aí, mas agora a gente tem mais intimidade, a gente conhece bem o trabalho da outra.”*

*“Lá tem outros comércios que não estão no Projeto. Mas eles não vão dar para elas o sorriso que eu dou quando uma vem comprar comigo. E nem vão receber o mesmo sorriso de volta.”*

*“Quando a gente está em rede a gente está de mão dada. Se uma cai, a outra levanta. Se uma tropeçar, a outra dá a mão para não deixar cair.”*





Participar de uma rede também trouxe para algumas participantes a oportunidade de acumular novos conhecimentos, que se tornaram importantes para a tomada de decisões profissionais ou até mesmo pessoais. Há um reconhecimento pelo trabalho oferecido pela equipe do Projeto, que resulta num aprendizado de qualidade, baseado no respeito e na cumplicidade. Estas características - respeito e cumplicidade - são percebidas pelas participantes como um diferencial, como uma diretriz do trabalho desenvolvido pela ASPLANDE, que não se encontra em qualquer atividade produtiva.

*“Eu trabalhava muito e não conseguia ver o resultado do meu trabalho. As orientações que são dadas, a paciência para ajudar a gente a aprender, eles sempre ali orientando, em como eu tinha que fazer e que agir, me ajudando a ver aonde eu estava errando para poder mudar e melhorar, isso me ajudou muito. Eu ainda tenho muito que aprender, mas já aprendi bastante.”*

Por fim, cabe destacar que é perceptível para as mulheres do Projeto a perspectiva da valorização das questões de gênero e da cidadania que a ASPLANDE constrói nessa caminhada pela valorização da economia feminina.

*“A gente como mulher sempre acha que não é capaz pelo fato de ter filho, ter marido, ter casa. É sempre bom quando tem alguém por perto pra valorizar a gente.”*

*“Depois que eu vim para essa rede eu passei a ser reconhecida e respeitada, como artesã. Me sinto uma mulher realizada e completa.”*

Esse fragmento da avaliação externa, os relatos das mulheres e as vivências no desenvolvimento dos dois anos de Projeto, mostraram a importância do trabalho de valorização da igualdade de gênero, cooperativismo e cidadania para melhoria da qualidade de vida das participantes.

E tanto por tudo isso, para a **ASPLANDE** é fundamental promover ações concretas que fortaleçam e aprofundem as competências e estratégias de gestão já desenvolvidas com as empreendedoras participantes, e ampliar as ações integradas da Rede Cooperativa das Mulheres Empreendedoras da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com a incorporação da Rede de Sócio Economia Solidária da Zona Oeste. E ao mesmo tempo, estimular a criação de novos empreendimentos constituídos por mulheres, contribuindo de maneira definitiva para que elas permaneçam em sua comunidade gerando renda, fortalecendo os laços culturais e os vínculos sociais de seus territórios.





# ASPLANDE

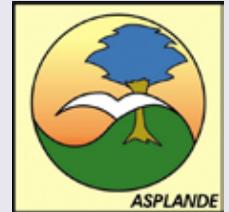
Assessoria & Planejamento Para o Desenvolvimento

Fundada em 1992 a ASPLANDE tem como compromisso contribuir com a construção de um país justo e igualitário através da universalização dos direitos humanos e a inclusão socioeconômica. Sua estrutura organizacional está pautada pela assembleia geral, conselho gestor e conselho fiscal. Participa ativamente da ABONG – Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais; é Co-fundadora do Fórum Estadual de Cooperativismo Popular; participa ativamente do Movimento de Economia Solidária do Estado; faz parte, através de duas de suas integrantes da Rede ASHOKA.

Nossa instituição trabalha prioritariamente com mulheres empreendedoras, moradoras de favelas e periferias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. No sentido de fortalecer a inserção dessas mulheres no contexto do mundo trabalho, a ASPLANDE vem assessorando-as na criação de seus próprios empreendimentos.

Nosso trabalho tem como referencial os princípios da Cooperação, Autodeterminação, Escala Humana e Ecologia, trabalhando com temas como gênero, valorização e respeito à diversidade multicultural e direitos humanos. No que se refere a gestão do empreendimento, o foco está no Planejamento, Economia Solidária, Cooperativismo Popular, Comércio Justo, Consumo Crítico e Solidário, Administração, Finanças, Comunicação, Divulgação, Comercialização, Desenvolvimento de Novos Produtos e Relacionamento Interpessoal.

Ao longo de seus 20 anos de caminhada a ASPLANDE já desenvolveu inúmeros projetos e parcerias com instituições públicas e privadas para realização de cursos, oficinas, seminários, feiras de economia



solidária, assessorias e consultorias. Nos últimos 3 anos, as atividades desenvolvidas pela ASPLANDE tiveram apoio da Secretaria de Política para as Mulheres, Conselho Estadual dos Direitos para Mulheres, Rede de Educadores Cidadã, OAB Rio de Janeiro, além de parceiros como Instituto de Políticas para o Cone Sul, PACS, IBASE, Ação Comunitária do Brasil, Lar Fabiano de Cristo, Corte & Arte do Cantagalo, Arteiras da Tijuca. Na área rural, o principal parceiro da ASPLANDE tem sido nos últimos 18 anos, a UNACOOOP – União das Associações e Cooperativas de Agricultores Familiares, que reúne cerca de 130 associações e cooperativas com cerca de 15.000 associados em todo o Estado do Rio de Janeiro. Desde 1992 já foram envolvidas mais de 10.000 pessoas, tanto na área rural como urbana.

## **REDE COOPERATIVA DE MULHERES EMPREENDEDORAS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO**



Consideramos assim, que as Redes, apresentam-se como um caminho que possibilita a organização dos empreendimentos e cooperativas populares. Foi dentro dessa visão que em 1997 criamos o Programa Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que tem como finalidade, contribuir para o fortalecimento dos empreendimentos e cooperativas populares formadas especialmente por mulheres em diferentes atividades econômicas, tais como culinária, artesanato, costura, reciclagem e serviços. Fazem parte do programa cerca de 700 mulheres de diferentes atividades econômicas. A Rede se reúne mensalmente todas as últimas quintas-feiras do mês na sede da ASPLANDE. Boa parte dos grupos não recebe nenhum tipo de apoio. Assim, encontra na rede um espaço, onde podem estabelecer laços de parcerias e intercâmbio, obter informações e capacitação, assessoria e divulgação, além de venda compartilhadas.

Adotando um novo modelo de relações de trabalho, que implica em mudanças imediatas, como a reformulação da divisão de tarefas e

gerenciamento de forma participativa, democrática e transparente. O que leva também a mudanças em outros níveis, que se realizam de forma mais lenta e menos perceptível e, conseqüentemente, de difícil mensuração a níveis quantitativos. São mudanças relacionadas a quebra de valores, descoberta de novas formas de relações, não só de trabalho, mas também familiar, social e política. A aprendizagem significativa é aquela que causa mudanças de atitudes: mais do que intelectual ela é visceral, pois envolve o organismo como um todo.

Em 2013 foram criados os Núcleos Zona Sul e Zona Norte, espaços de articulação e troca em âmbito local, congregando mulheres moradoras de áreas próximas. Têm sido importante ferramenta de empoderamento individual e coletivo, através da atuação conjunta em busca de valorização da identidade, do fortalecimento do consumo local e busca de soluções criativas para problemas diversos, tais como divulgação e escoamento da produção. Mecanismos importantes para construção da autonomia, redes de apoio e enfrentamento ao processo de gentrificação.



## CORTE & ARTE

Cooperativa de costureiras criada em julho de 1995 no Morro do Cantagalo, Pavão Pavãozinho em Ipanema, por um grupo de 12 mulheres com assessoria da ASPLANDE. Durante esses anos de caminhada, a associação tornou-se uma referência na área do cooperativismo popular e cidadania - dentro e fora da comunidade.

corde & arte

## ARTEIRAS DA TIJUCA

O grupo Arteiras nasce em 2001, formado em maioria por mulheres negras moradoras das favelas da Grande Tijuca e que carregam consigo a responsabilidade de participar ativamente da mudança nos locais que residem e de suas próprias vidas através das discussões sócio-político-econômicas, afirmando e fortalecendo o papel da mulher na sociedade.

**arteiras**



# O Projeto: Mulheres em Rede

## tecendo teias de solidariedade e conhecimento

**P**roposto pela Asplande em parceria com as cooperativas Corte & Arte e Arteiras, ao Programa de Desenvolvimento e Cidadania Petrobras, o Projeto tem como objetivo apoiar iniciativas protagonizadas por mulheres empreendedoras moradoras das favelas do Cantagalo, Pavão Pavãozinho e Borel. Através do universo da economia solidária busca estimular o desenvolvimento econômico bem como a participação crítica das mesmas na construção de uma sociedade justa e igualitária. A metodologia de organização do trabalho em Rede, desenvolvida pela ASPLANDE desde 1996, estimula o desenvolvimento de um espaço de troca, articulação e empoderamento, onde se estabeleçam laços de parcerias e intercâmbios com o compartilhamento de informações, formação, assessoria e divulgação, além de possibilitar a organização do trabalho para escoamento da produção de forma partilhada.

As três localidades de atuação são áreas hoje ocupadas por Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's). As UPP's levaram a valorização destas áreas, ocasionando, entre outras questões, a ameaça ou efetiva remoção da população, devido ao crescente interesse especulativo de diversos setores, como imobiliário, empresas de energia, telefonia e TV a cabo, entre outros.

A partir das iniciativas de pessoas e grupos dessas comunidades, o Projeto pretende ser um instrumento para potencializar a construção de caminhos e alternativas coletivas para o empoderamento e protagonismo dos moradores, visando garantir a sua permanência e mantendo sua identidade nesses territórios.



## ORGANIZAÇÃO E ATUAÇÃO

O projeto atuou a partir dos acúmulos e experiências da trajetória da ASPLANDE, articulado em duas frentes: (1) Administração/Planejamento e (2) Atuação Local, com foco em **três eixo: Formação, Articulação em Rede e Assessoria *in Loco***.

O escritório base do projeto, responsável por sua gestão, é a sede da ASPLANDE (bairro Castelo área central da cidade), onde atuam fixo quatro membros da equipe: Coordenadora Geral, Assistente de Projeto, Assistente Administrativo e Apoio.

As atividades nas comunidades: Cursos, Oficinas, Encontros da Rede, Seminários e Plantões de Assessoria foram realizados nos espaços de instituições parceiras, como o Centro de Referência da Juventude no morro do Cantagalo (Zona Sul) e Fundação São Joaquim, próxima ao morro do Borel (Grande Tijuca). Em cada uma das áreas atuaram dois membros da equipe, responsáveis pela mobilização, apoio aos professores dos cursos, organização dos eventos e visitas de assessoria *in loco* aos empreendimentos, trabalho acompanhado por um Supervisor.

A equipe de mobilização é composta por lideranças comunitárias referenciadas entre mulheres moradoras dos morros, parceiras de longa data de atividades junto a Rede.



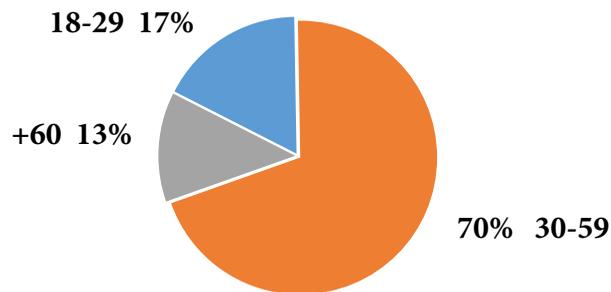


## PERFIL DAS PROTAGONISTAS

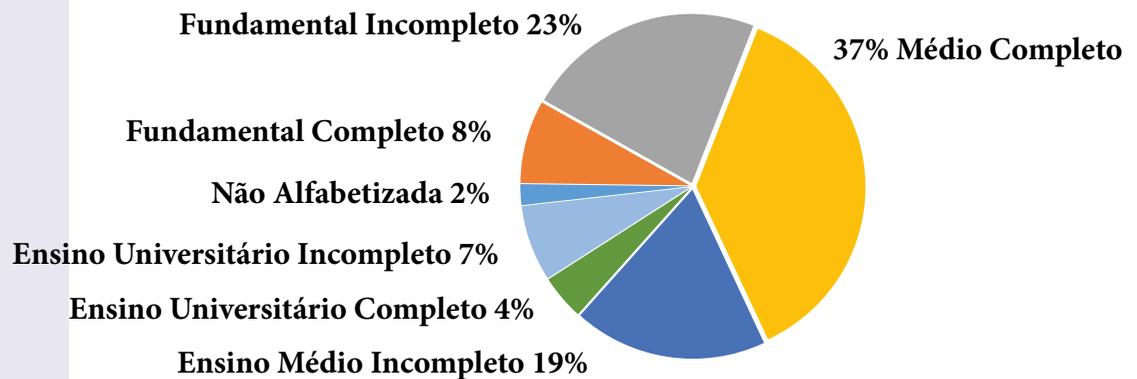
### Comunidade

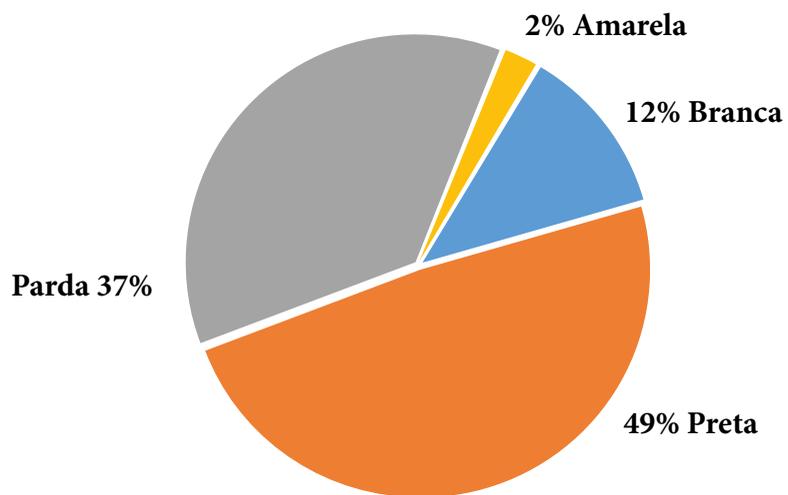


### Idade

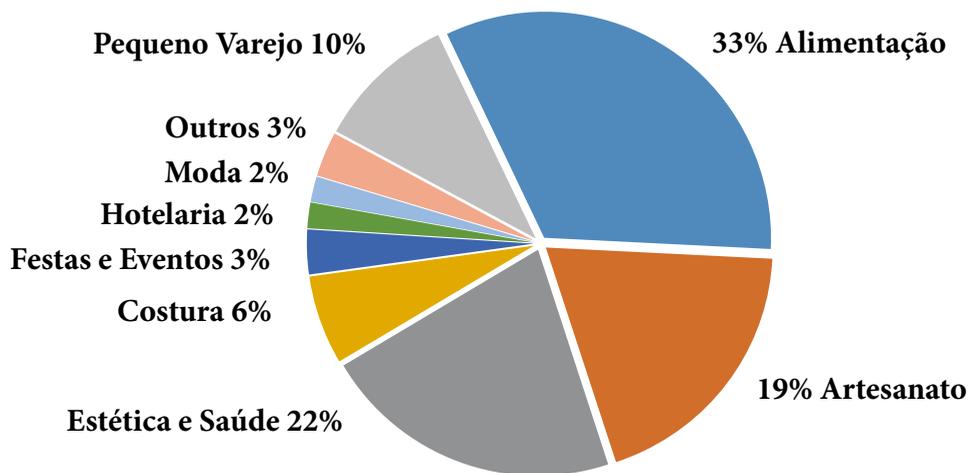


### Escolaridade



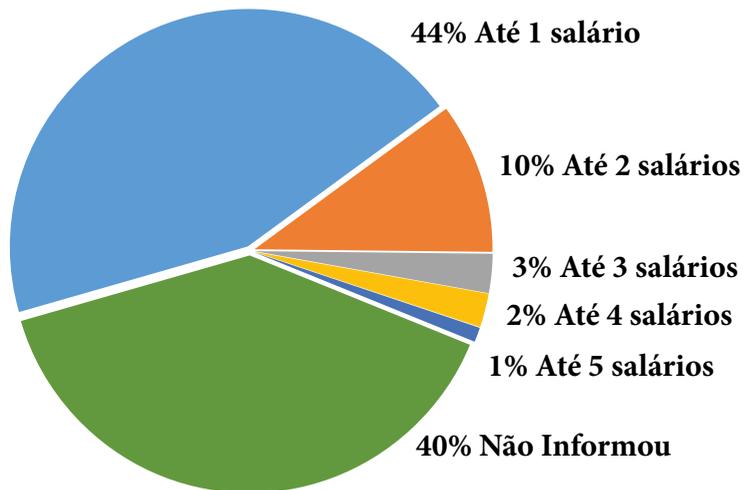


**Cor**

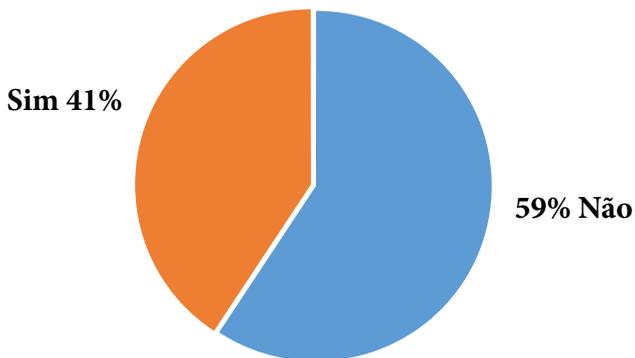


**Ramo de Atividade**

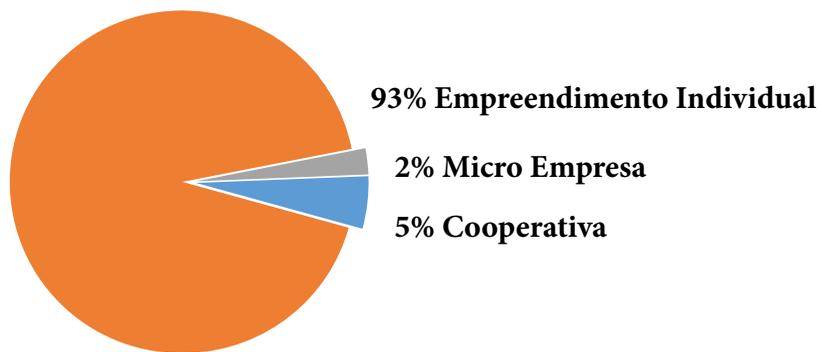
### Renda como Empreendedora

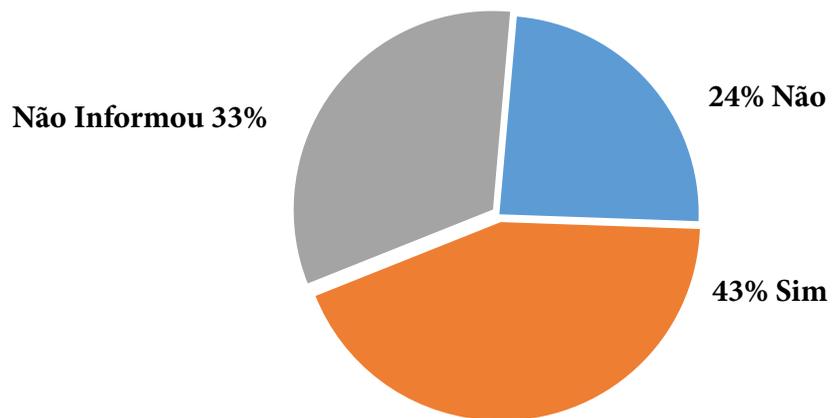


### Empreendimentos Legalizados

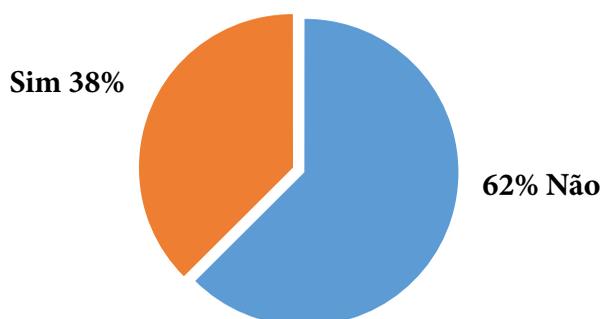


### Forma Jurídica dos Empreendimentos Legalizados

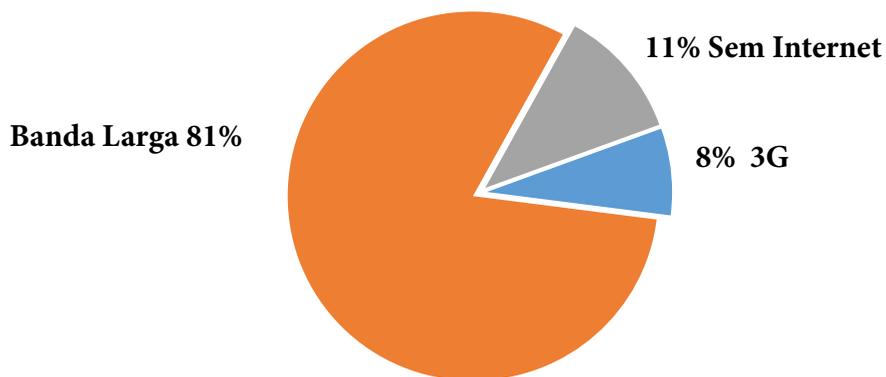




**Conta em Banco**



**Computador no Empreendimento**



**Internet**



## ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E RESULTADOS

**302 Empreendedoras Participantes**

### **Cursos**

#### **Elaboração de Plano de Negócio**

4 turmas / 60h aula cada / 104 mulheres certificadas

#### **Gestão Administrativa Financeira**

4 Turmas / 30h aula cada / 101 mulheres certificadas

#### **Desenvolvimento de Novos Produtos e Serviços**

4 Turmas / 60h aula cada / 100 mulheres certificadas



### **Assessoria in Loco**

**839 Assessorias totais** realizadas aos empreendimentos na área de gestão e na divulgação e criação da identidade visual dos mesmos;



### **Criação da Identidade Visual e Plano de Comunicação**

**180 Logotipos desenvolvidos** através das Oficinas de Comunicação

**5 mil Guias Comerciais** impressos



### **Aumento da Renda**

**100 Empreendimentos** com aumento de renda

**39% de aumento** *per capita* do Projeto

### **Boletim de Negócio**

**8 números** publicados do Boletim de Negócios

## **Fortalecimento da Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras**

Média de **60 participantes por reuniões**

## **Encontros de Troca entre Empreendimentos de Economia Solidária**

Com o objetivo de estimular intercâmbios que criem e fortaleçam os laços de solidariedade entre os empreendimentos gerenciados por mulheres;

1º - 13 Dez 2013 – Cantagalo, CRJ

2º - 7 Mai 2014 – Borel, FSJ

3º - 17 Nov 2014 – Cantagalo, CRJ

4º - 29 Jan 2015 – Asplande

## **Diálogos Sobre Gênero e Direitos Humanos**

Sempre tendo como pano de fundo a reflexão social sobre as mudanças que estão acontecendo nesses territórios.

1º - 14 Mar 2014 – Cantagalo, CRJ

2º - 16 Mai 2014 – Cantagalo, CRJ

3º - 27 Nov 2014 – Asplande

4º - 13 Mar 2015 – Cantagalo, CRJ

## **Seminários de Monitoramento**

1º - 18 Dez 2013 – Borel, FSJ

2º - 26 e 27 Jun 2014 – Asplande

3º - 27 Nov 2014 - Asplande

4º - 29 Outubro 2015 - CEDIM





# Mulheres em rede soltando a voz, avaliação de um projeto de economia popular e solidária para mulheres

por Adriana Mota

*“Na pesquisa social estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros.”*

(GASKELL, 2002)

*“Quando a gente está em rede a gente tá de mão dada. Se uma cai, a outra levanta. Se uma tropeçar, a outra dá a mão para não deixar cair.”*

(Mulher em Rede)

O Projeto **Mulheres em Rede Tecendo Teias de Solidariedade e Conhecimento**, desenvolvido pela ASPLANDE, tem por objetivo apoiar iniciativas protagonizadas por mulheres moradoras das comunidades do Cantagalo, Pavão Pavãozinho e Borel, “através da economia solidária, estimulando o desenvolvimento econômico bem como a participação crítica das mesmas na construção de uma sociedade justa e igualitária”.

Para conhecer melhor os impactos e processos que o Projeto potencializa junto às mulheres participantes, optou-se por utilizar uma metodologia mista, com predominância da qualitativa, lançando mão de Grupos Focais e aplicação de questionário de perfil com o objetivo de qualificar o público que estava emitindo suas opiniões e percepções.

A seleção das participantes dos grupos focais foi feita de forma a garantir o máximo de heterogeneidade na sua composição, respeitando uma característica que deveria ser comum à todas: estar inserida no Projeto nas comunidades do Cantagalo, Pavão Pavãozinho e Borel. A intenção foi “dar voz” à diversidade presente no universo a pesquisar.



Ao todo participaram 24 mulheres, sendo 70% delas na faixa etária de 31 a 50 anos, 60% negras, 58% casadas ou vivendo em união estável e 90% com filhos, quase sempre em idade inferior a 18 anos.

Com relação à atividade econômica desenvolvida, a culinária aparece em destaque com o maior número de menções, seguida pelas áreas de eventos, beleza ou estética, artesanato e moda. Fato é que as atividades mencionadas são aquelas muito próximas do universo feminino no ambiente doméstico, sendo estas as atividades para as quais as mulheres são consideradas historicamente mais qualificadas a desempenhar.

As participantes dos grupos focais destacaram a importância do reconhecimento, por parte da Asplande, de que elas tinham algum potencial e de que seus empreendimentos poderiam ter resultados mais efetivos a partir do Projeto. As falas podem ser resumidas numa única frase, mencionada durante o Grupo Focal realizado no Borel, mas que sintetiza as expressões de todas as mulheres: *“Foi por causa do nosso potencial.”*

*“O que eu ganhava trabalhando, eu ia para o supermercado e gastava tudo com coisas para mim e meus filhos. Eu não sabia separar o meu lucro, não repunha as mercadorias, não cuidava do meu dinheiro. No dia seguinte eu tinha gastado tudo e não tinha mais o material para vender.”*

*As participantes também são capazes de distinguir uma metodologia de trabalho diferenciada do Projeto Mulheres em Rede. Embora não nomeiem que metodologia é essa, identificam suas características e sentem-se mais valorizadas e seguras.*

*“Os cursos que costumavam ter aqui, quando acabavam, cada uma ia para ro seu canto. Com a Asplande é diferente, Elas estão mesmo auxiliando a gente, eles dão suporte para a gente e isso é legal.”*

*“Eles dão aquela segurança prá gente saber aonde vai.”*

As participantes mencionaram que, de fato, precisavam de algum tipo de suporte (palavra empregada por elas para descrever a atuação da Asplande). Isso significa que havia um reconhecimento da necessidade de melhora e da possibilidade concreta disso acontecer. Diante dessa possibilidade de ter melhores resultados e consolidar seus empreendimentos, a grande maioria aderiu de forma esclarecida ao Projeto e se dedicou a conquistar resultados positivos.

As participantes identificam que a Asplande trouxe muitas melhorias para a organização do processo produtivo, vendas, fluxo de caixa, legalização do empreendimento, e outros. Mostraram-se motivadas com os novos desafios e dispostas a fazer mudanças e adequações.

Um fator importante mencionado por todas as participantes, diz respeito a presença de colaboradoras da Asplande nas comunidades, como moradoras, e não somente como trabalhadoras no local. Isso favoreceu a identificação de potenciais empreendedoras e empreendimentos com as características adequadas ao Projeto Mulheres em Rede. As mulheres entendem a presença dessas colaboradoras como uma vantagem das comunidades, pois as mesmas tem grande conhecimento da região, são empreendedoras e tem boa circulação nas localidades, favorecendo a adesão ao Projeto. Importante lembrar que esta é uma decisão da Asplande sobre sua metodologia de trabalho que valoriza e empodera as mulheres dos territórios, reconhecendo nelas o potencial de serem parte da equipe de trabalho do Projeto, o que é absolutamente afinado com a proposta do Projeto.

Poucas foram as participantes que não relataram a entrada na rede por meio das facilitadoras locais. Boa parte delas inclusive foi procurada pelas facilitadoras, que ofereciam a oportunidade de participar de um coletivo, explicavam o que o Projeto pretendia e acabavam por convencer as mulheres a participar. Nesta espécie de “busca ativa” desenvolvida pelas colaboradoras, como parte da metodologia de trabalho da Asplande, a notícia do Projeto foi também se propagando e ganhando força entre as empreendedoras.





Dentre as mulheres que mencionaram terem vindo para o Projeto sem uma abordagem direta das colaboradoras locais, vale destacar a importância do material institucional distribuído às participantes, que serve também como uma forma de divulgação e de captação de novas empreendedoras:

*“Eu vim por causa da bolsa. Eu vi uma mulher com a bolsa do Projeto na rua e eu sou muito curiosa, perguntei o que era o Projeto. Ela me explicou, mas naquela época eu não tinha como participar, mas aguardei para entrar agora. Tem 3 meses que eu estou aqui. E tudo por causa de uma bolsa.”*

Sobre a acolhida das novas integrantes no Projeto, não houve menção a qualquer tipo de dificuldade. Ao contrário, as poucas participantes que tinham menos de 06 meses de adesão ao Projeto disseram que foram bem recebidas, que já conheciam muitas das mulheres que estavam no Projeto e que, no caso das que ainda não se conheciam, o Projeto era uma oportunidade de conhecer e estreitar a amizade.

### **Empreendedorismo e Economia Solidária**

Sobre o conceito de empreendedorismo, a primeira impressão registrada pelas mulheres em rede é a de poder ter um negócio, ser empresária e não precisar se submeter a outras pessoas, um patrão ou patroa. Ser empreendedora implica na possibilidade de algum grau de liberdade e autogestão, experiências que o mercado formal de trabalho não pode dar a estas mulheres.

*“Tem a ver com o nosso perfil de trabalho. A gente tenta uma vaga no mercado de trabalho, não consegue ou não se adapta, a gente cria uma oportunidade. A gente cria um trabalho com o nosso perfil, onde a gente possa ter a nossa cara, fazer alguma coisa que o cliente veja também que tem o nosso perfil.”*

*“Empreendedorismo, para mim, é ter liberdade. Você faz o seu horário, você é o seu chefe e isso é muito bom.”*

Quando questionadas sobre as consequências que esta liberdade acarreta, todas comentaram sobre a necessidade de se reorganizar em suas rotinas domésticas para adaptar o dia a dia ao trabalho, que se soma aos cuidados com filhos, casa, família, etc. Neste momento da discussão a palavra mais mencionada foi responsabilidade.

*“A gente se sente livre, mas eu vejo que a gente tem que ter muito mais responsabilidade. Se for trabalhar sozinha, como eu, tem que se organizar. Eu tenho uma filha na escola, outra na creche, e tenho que organizar meus horários para fazer meus doces enquanto elas estão na escola e buscar as duas na hora certa.”*

*“Eu vejo como liberdade agregada à responsabilidade.”*

As impressões ou experiências das mulheres sobre o mundo do trabalho formal foram relatadas como vivências pouco agradáveis, de controle excessivo do tempo e práticas desgastantes para a saúde física e mental. O empreendedorismo aparece para elas como a oportunidade de exercer uma atividade produtiva num modelo menos opressor, que permita conquistar satisfação com o trabalho e também alguma renda para elas.

*“Trabalhando no meu empreendimento eu posso me dedicar mais aos meus filhos, eu posso definir o tempo que eu vou passar com eles e se eu estivesse trabalhando eu acho que eu não ia poder fazer isso.”*

*“Para ser empreendedora, tem que gostar do que você faz. Não adianta ter liberdade, responsabilidade, não adianta visar dinheiro, o principal é ter amor pelo que faz. O dinheiro é a consequência do que você faz. Você tem que fazer o que gosta, porque aí podem ser 8h de trabalho ou 2h de trabalho, mas vai ser um trabalho com qualidade, que vai te satisfazer.”*





Os desafios do empreendedorismo das mulheres também foram mencionados, relatando algo que é bastante peculiar nas suas vidas: a interseção do trabalho produtivo e reprodutivo. A acumulação do trabalho doméstico e do empreendimento resulta numa rotina diária bastante pesada para as mulheres empreendedoras.

*“Ser empreendedora também é muito cansativo, porque você tem que organizar seu negócio, comprar material, planejar as coisas que tem que ser feitas, entregar as mercadorias, estudar os produtos, contabilizar tudo que foi gasto e o que entrou. É muito desgastante. E ainda tem casa, marido, filhos...”*

O empreendedorismo, portanto, é percebido como uma maneira de empoderar as mulheres, de valorizar os seus esforços no campo do trabalho, ainda que sejam empreendimentos pequenos. O que importa para elas aqui, não é o tamanho do empreendimento, ou o quanto vão poder faturar com este trabalho, mas sim a chance de se reconhecerem capazes, fortes e seguras.

*“É uma oportunidade para as mulheres, que não tinham muita chance de desenvolver seus trabalhos. Só os homens que tinham oportunidades e as mulheres ficavam para trás. Com a vinda do Projeto, muitas mulheres “saíram do armário” e estão mostrando que tem força.”*

A economia solidária é percebida pelas mulheres como uma prática efetiva, onde arranjos econômicos são feitos por meio de trocas de serviços e de produtos ou por meio do compartilhamento de oportunidades comuns. São arranjos produtivos diferenciados, reconhecidos pelas participantes do Grupo Focal como práticas solidárias, porque fortalecem empreendimentos locais participantes da rede e também os vínculos de solidariedade entre elas e os empreendimentos.

*“Economia solidária para mim é a expressão “uma mão lava a outra”. Economia solidária para mim é a gente estar fortalecendo o empreendimento uma da outra, estar trocando mercadorias, espaços, compartilhando coisas, uma fortalecendo mesmo o empreendimento da outra. E essa troca não precisa necessariamente envolver dinheiro.”*

As participantes do Grupo Focal reconhecem que estão atuando em rede, mas entendem também que há diferentes graus de participação nessa rede. Há empreendimentos mais consolidados e que acabam exercendo um papel central na rede. Esta centralidade, porém, não é identificada como um papel hierárquico, com vínculos de subordinação, mas como um elo comum a todos os empreendimentos, um ponto forte dessa rede, ao qual vários empreendimentos se unem de alguma forma, assim como as próprias mulheres, potencializando a atuação.

As participantes percebem que a rede é importante para o fortalecimento dos empreendimentos e da comunidade onde vivem e percebem também que a rede funciona na vida pessoal e profissional delas, em menor ou maior grau.

*“A rede é união, é entrelaçamento, é troca, principalmente para fortalecer a comunidade. Se você não fortalecer o que você tem na sua comunidade, a rede não acontece.”*

*“Eu vejo que na minha vida pessoal eu consigo me utilizar da rede. Eu uso até para fortalecer as minhas amigas e o trabalho delas.”*

A atuação em rede fortalece os empreendimentos, mas também otimiza o tempo de cada uma. Conhecendo e usufruindo da rede não é preciso se deslocar para fora da comunidade para ter acesso a serviços e produtos. Organizando melhor o tempo dedicado ao empreendimento, as mulheres conseguem organizar melhor o tempo da vida doméstica e familiar, que se torna um tempo com mais qualidade.





*“Eu compro o pastel com a tia Lu, compro verdura na Gisela, faço a unha no salão da Mirinha, às vezes pego um doce com a Jéssica... É tudo próximo. Eu não preciso ficar gastando tempo e nem dinheiro de passagem.”*

*“A comodidade e o entrosamento que ficam, isso é muito bom.”*



### **Mudando para empreender, empreendendo para mudar**

Muitas mudanças foram percebidas e implementadas pelas mulheres em seus empreendimentos. Essas mudanças têm impacto direto em seus negócios, mas também em sua vida pessoal. As mulheres sentem que os empreendimentos estão mais sólidos, melhor organizados, conseguem planejar sua atividade profissional e percebem que podem alcançar novos objetivos concretos a partir dessa outra forma de organização. A mudança decorre da participação no Projeto, do contato com outras mulheres e empreendimentos, da assessoria prestada pela Asplande e, sobretudo, do esforço de cada uma em fazer mais e melhor.

*“Na minha empresa mudou tudo. Primeiro, eu não levava a sério o que eu fazia. Eu não me via como uma empresa. Eu ganhava bastante dinheiro, mas eu não tinha organização. Eu gastava e não estava nem aí. Eu só anotava a entrada, não anotava as saídas. Então, eu estava me assaltando e não estava nem aí. Quando eu vim prá cá eu comecei a raciocinar que eu não sabia o quanto eu ganhava ou o quanto eu tinha de recurso que era meu ou que era do empreendimento. Agora eu mudei e tenho tudo anotadinho. Tudo que entra e que sai. Agora quando eu pego um dinheiro, eu tenho tudo anotado e organizado. Agora eu sei onde eu quero chegar.”*

*“Outra coisa que eu aprendi é que eu tenho que estipular uma meta. Eu planejo uma meta e corro atrás para que isso aconteça. Não adianta ter um negócio e não ter uma meta que você quer alcançar. Eu aprendi muita coisa aqui também.”*

A principal mudança mencionada foi ainda na interação entre as participantes, na melhor sinergia entre os empreendimentos, na possibilidade de ampliar a divulgação das atividades e na parceria. O sentimento de pertencer a um grupo, uma rede, com objetivos comuns, com uma identidade positiva, que empodera as mulheres e as torna mais confiantes, também foi lembrado.

*“Depois do Mulheres em Rede a gente passou a divulgar mais os trabalhos umas das outras. A gente já se conhecia, somos todas da mesma comunidade, nos vemos por aí, mas agora a gente tem mais intimidade, a gente conhece bem o trabalho da outra.”*

*“Lá tem outros comércios que não estão no Projeto. Mas eles não vão dar para elas o sorriso que eu dou quando uma vem comprar comigo. E nem vão receber o mesmo sorriso de volta.”*

*“Quando a gente está em rede a gente tá de mão dada. Se uma cai, a outra levanta. Se uma tropeçar, a outra dá a mão para não deixar cair.”*

Participar de uma rede também trouxe para algumas participantes a oportunidade de acumular novos conhecimentos, que se tornaram importantes para a tomada de decisões profissionais ou até mesmo pessoais. Há um reconhecimento pelo trabalho oferecido pela equipe do Projeto, que resulta num aprendizado de qualidade, baseado no respeito e na cumplicidade. Estas características - respeito e cumplicidade - são percebidas pelas participantes como um diferencial, como uma diretriz do trabalho desenvolvido pela Asplande, que não se encontra em qualquer atividade produtiva.





*“Eu trabalhava muito e não conseguia ver o resultado do meu trabalho.*

*As orientações que são dadas, a paciência para ajudar a gente a aprender, eles sempre ali orientando, em como eu tinha que fazer e que agir, me ajudando a ver aonde eu estava errando para poder mudar e melhorar, isso me ajudou muito. Eu ainda tenho muito que aprender, mas já aprendi bastante.”*

Na vida pessoal os reflexos são igualmente importantes e tem gerado satisfação, bem viver e felicidade para as mulheres e suas famílias. Algumas tornaram-se menos tímidas, outras sentiram-se mais confiantes e capazes, outras permitiram-se sonhar com projetos nunca antes concretizados, como estudar. O desenvolvimento dos empreendimentos e a atividade profissional das mulheres gerou empoderamento e autoestima.

*“A minha autoestima melhorou muito. Eu não me achava capaz de lidar com isso. Antigamente eu vendia 30 trufas por mês. Era só uma ajuda para comprar um pão. Hoje em dia eu vendo de 800 trufas para cima. Não me falta trabalho.”*

*“Eu achava que para mim não cabia faculdade. Eu achava que era uma coisa que não cabia na minha vida. Agora, eu já até escolhi que faculdade que eu quero fazer e pretendo já fazer o ENEM esse ano, coisa que antes, prá mim, não dava. Tudo isso com o incentivo das pessoas aqui, porque eles são muito bons de incentivar a gente.”*

### **Muitos avanços conquistados, mais ainda a conquistar**

Pontos positivos foram destacados ao longo de todo o Grupo Focal, mas também foram identificados pontos que mereceriam ser melhorados para o trabalho multiplicar os efeitos já alcançados. Identificar os pontos fracos demonstra maturidade e conhecimento de onde se quer chegar por parte das mulheres do Projeto.

Um aspecto a ser melhorado na comunidade do Borel é a interação entre o Projeto Mulheres em Rede e a Associação de Moradores. O objetivo dessa interação seria ampliar a divulgação dos empreendimentos.

*“Eu acho que deveria haver aqui no Borel uma parceria mais estreita do Projeto com a associação de moradores, para melhorar a divulgação dos nossos trabalhos na comunidade. Isso tanto para as Mulheres em Rede, quanto para outros serviços da comunidade. Existia uma rádio comunitária no Borel, que divulgava tudo quanto era comércio no Borel. Se pudéssemos divulgar numa rádio o nosso trabalho seria muito bom.”*

Interessante notar que o ponto fraco mencionado logo deu lugar a uma proposta concreta de divulgação, por meio do uso de um sistema de auto-falante da associação de moradores, que poderia ser disponibilizado gratuitamente para as mulheres do Projeto Mulheres em Rede. Foi sugerido que uma vez por semana uma das mulheres fizesse uso do sistema de som para divulgar os serviços e empreendimentos.

Outra sugestão foi que a Associação de Moradores fizesse um cadastramento dos empreendimentos existentes na comunidade a fim de compor uma espécie de catálogo, que pudesse ser acessado por moradores do local, para a contratação de serviços. Seria uma espécie de classificados da comunidade, com a oferta de diversos serviços e produtos, não apenas os participantes do Mulheres em Rede.

Sobre os pontos fortes do Projeto, foram citados o companheirismo e a amizade tanto entre as empreendedoras, quanto entre elas e a equipe da Asplande. Outro fator positivo é a intencionalidade do Projeto de fomentar o empreendedorismo das mulheres.

*“Um diferencial para mim é que esse Projeto é para as mulheres.”*

Uma dificuldade enfrentada pelas empreendedoras diz respeito a uma espécie de pessimismo generalizado, que apregoa que os





empreendimentos não vão dar certo, ou que serão inúteis. Além de se organizar, conhecer seu negócio, divulgá-lo e aprender mais a cada dia, as empreendedoras tem que lidar com essa espécie de preconceito.

*“A dificuldade das pessoas se ajudarem umas às outras ainda é muito grande. Em geral tem muitos comentários de te botar para baixo, de te secar. Dizem: “você não vai vender nada”, então é complicado. A gente tem que perseverar.”*

*“Eu já ouvi uma vez um comentário do tipo: Nossa, aqui não tem movimento, né? Aí eu disse: “Minha filha eu não preciso de movimento eu preciso de cliente.”*

Apesar de todas as dificuldades, as mulheres são criativas e estão muito dispostas a atuar de forma coletiva. Uma das participantes sugeriu que se criasse uma feirinha para que todas as empreendedoras, de todas as comunidades contempladas com o Projeto, pudessem expor seus materiais.

Outra ideia era a de criar uma vitrine social, Projeto que já chegou a ser discutido em reuniões anteriores da rede, mas ainda não foi viabilizado. Essa estante seria um espaço para vender produtos de todas as empreendedoras, com a gestão compartilhada entre as mulheres da rede, em sistema de rodízio.

Por fim, cabe destacar que é perceptível para as mulheres do Projeto a perspectiva da valorização das questões de gênero e da cidadania que a Asplande constrói nessa caminhada pela valorização da economia feminina.

*“A gente como mulher sempre acha que não é capaz pelo fato de ter filho, ter marido, ter casa. É sempre bom quando tem alguém por perto para valorizar a gente.”*

*“Depois que eu vim para essa rede eu passei a ser reconhecida e respeitada, como artesã. Me sinto uma mulher realizada e completa.”*

# Depoimentos

## Empreendedorismo e solidariedade nas favelas

Uma delas descobriu que o seu negócio não era beleza e sim encadernação artística. A outra não para de ter novas ideias para a sua empresa de eventos. Estamos falando de Claudiane Silva do Santos, moradora do Cantagalo e Derlene Pereira Silva, moradora do Borel, respectivamente. Empreendedoras que foram se descobrindo durante esse ano de Projeto, criando novos produtos, oferecendo novos serviços e gerando renda para as suas famílias e comunidades.

Claudiane conta que estava ociosa quando começou a participar do Projeto. Lá encontrou muitas artesãs e começou a pesquisar sobre encadernação. “Me descobri. Cheguei a pensar em trabalhar com beleza, mas me realizei na encadernação”, fala. No Cantagalo o pessoal ainda não conhece muito a Claudiane Artes, seu empreendimento, porque não tem um local para expor. “Ainda é cedo para investir numa loja. Estou começando. E os aluguéis na comunidade ficaram muito caros com a instalação da UPP. Sou eu, meu marido e um casal de filhos. Não posso arriscar. Mas através da minha fanpage (página nas redes sociais) venho divulgando o meu trabalho e recebendo muitos pedidos. Também troco muito com as meninas do Projeto. A gente divulga uma o empreendimento da outra”.

Na página da rede social de Claudiane vemos Derlene e sua Derlene Eventos. Casada, dois filhos, nascida e criada no Borel, Derlene é uma empresária que sonha longe. E age. Ela tem além de um buffet, um atelier



de salgados, brinquedos infantis que aluga para festas e uma rede de fornecedores que aciona sempre que precisa para atender seus clientes. São garçons, copeiras, motoristas, gente da comunidade do Borel com quem ela trabalha. “Fico feliz em gerar renda não apenas para mim, mas para outras pessoas e famílias da comunidade”. Derlene tem clientes no Borel e nas comunidades vizinhas. “Não estou no Projeto e em tudo que a Asplande organiza à toa. Consulto o professor Paulinho (Paulo Borges) o tempo todo e aproveito todas as oportunidades que surgem. Recentemente fechei uma parceria com a amiga e empreendedora Lurdinha (Lourdes Maria da Conceição, do Salão Belíssima)”. O próximo passo de Derlene é construir um espaço na sua casa para abrigar o depósito dos brinquedos e materiais para festas, além de uma cozinha cada vez mais bem equipada.

## “O Projeto abriu as portas para mim”

A declaração é de Maria do Socorro Rocha Silva, moradora da comunidade do Cantagalo e que não para de inovar, desenvolver novos produtos e expandir o seu negócio. “A mulher é muito desacreditada, sofre muita discriminação e o Projeto me deu vigor, foi uma benção na minha vida”. Socorro, como é mais conhecida, tem 37 anos e sempre atuou como artesã e distribuidora de cosméticos. Desde que entrou para o Projeto passou a criar e alugar peças provençais para festas. São bandejas, suportes para cup cakes, casinhas para doces. Agora também está trabalhando com decupagem em vidro e tem vendido bem seus produtos tanto na comunidade como no quiosque instalado na Estação Cidade Nova do MetrôRio. E não vai parar por aí. Pretende fazer patchwork em pano de prato. Animada diz que descobriu que o mundo é rosa e lilás



## Como anda o seu negócio?



Mulheres empreendedoras participantes do Projeto contam como andam seus negócios. Para a artesã Cristina Santana, que faz bijuterias com macramê e pedras naturais brasileiras, a UPP não mudou em nada o seu negócio, mas participar do Projeto sim. Os cursos, a conversa com outras mulheres, a troca de experiências fizeram surgir novas ideias, novas parcerias e novos mercados. Cristina é uma das expositoras no quiosque que o Projeto mantém na Estação Cidade Nova do MetrôRio e além das vendas no local, tem recebido muitas encomendas, entregue muitos cartões de visita.



Desde que começou a participar do Projeto avalia que sua renda aumentou cerca de 80%. Ainda não utiliza as planilhas de administração e sabe que precisa urgentemente passar a usar. “Com as encomendas tenho que me organizar mais. Costumava sair comprando material, gastava dinheiro com o que eu não iria utilizar. Hoje compro só o que necessito para minha produção”, diz Cristina. Ousada, Ana Carolina Pereira depois que passou a participar do Projeto, mudou de ramo. Saiu do ramo da moda e entrou para o da alimentação. Uma mudança que segundo ela, só foi possível com os exemplos que via nos cursos e nos encontros proporcionados pelo Projeto Mulheres em Rede. Ela e o marido estão fazendo salgados e tem como diferencial a massa da empada, feita da forma mais saudável possível. “Dos nossos salgados, a empada é o carro chefe”, enfatiza. Ana tem usado a planilha e procurando aconselhamento nos Plantões. Está muito satisfeita com os resultados e calcula que sua renda aumentou em torno de 30%. “Acabamos de adquirir um espaço na comunidade para vender nossos salgados”, anuncia.

## Para elas não há crise

Simone Pereira da Silva e Cleide Ramos estão expandindo seus negócios. Simone, moradora do Cantagalo, começou com uma lavanderia há quatro anos. Hoje tem também dois Hostels, um ainda em construção. “Depois da UPP o pessoal começou a subir o morro para conhecer e admirar a vista. E os estrangeiros queriam ficar. No início eles acabavam ficando aqui em casa. Daí, resolvi criar o Home Hostel Cantagalo. O primeiro com cinco quartos e o segundo, que está em construção, terá sete quartos. São quartos compartilhados para até quatro pessoas. Não ofereço refeições, mas eles tem acesso a uma cozinha bem equipada”, conta. Participar do Projeto, frequentar os cursos e os encontros da rede, tem feito a diferença em sua vida de empreendedora. “O curso de Plano de Negócios foi importante assim como a troca com outras empreendedoras. O Guia Comercial impresso é uma ferramenta poderosa. Não só utilizo os serviços de outras empreendedoras como indico para os hóspedes, clientes e outros vizinhos”. Cleide, moradora do Borel, é outra empreendedora que não tem do que se queixar. Mantém o seu Cleide Naturalis, empreendimento gastronômico, em paralelo com o emprego num restaurante japonês na Tijuca. “Meu horário no restaurante, permite com que eu faça meus temperos, empadas, bolos, atenda meus clientes na comunidade e fora dela”. Na comunidade o que mais sai são suas empadas, que tem um toque diferente na massa. Ela trabalha com ingredientes naturais, priorizando a alimentação saudável. “Hoje 30% dos meus consumidores são moradores do Borel. Mas também atendo clientes no Juramento, em Senador Camará, na Tijuca e em Copacabana. A divulgação na rede tem sido fundamental. A rede além de me ajudar, me empurra para a frente”.



Realização



ASPLANDE

Parceiros



Patrocínio

